

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

CONTOS E POEMAS SOBRE



O UNIVERSO

Selo Conexão Literatura

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-02-11931-0

2026

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- O ANO QUE NÃO QUIS ACABAR, POR ALEXANDRE MONTEIRO, PÁG. 05
CONCLUO UM POEMA DENSO, POR ALEXANDRE MONTEIRO, PÁG. 08
AS MINHAS VERDADES, POR AMILTON CONTÉ, PÁG. 10
GAVETAS ESQUECIDAS, POR ANTONIO CARLOS MARQUES, PÁG. 12
CARTOGRAFIA DO INFINITO, POR CÉLIA LOPES, PÁG. 15
O PACTO DO CATUAL, POR D. GIOVANI CAPIROTO, PÁG. 19
O UNIVERSO NA PALMA DA MÃO, POR EDSON LUIZ DA SILVA BRIATO, PÁG.
22
COSMOS, POR ERIKA ROSSETTO, PÁG. 25
MODELOS, POR EUGÊNIO ARQUEIRO, PÁG. 27
MACROCOSMO INFINITO, POR GUILHERME CRUZ, PÁG. 30
O CAMINHANTE GALÁCTICO, POR JOSÉ DIAS LINHARES, PÁG. 33
O ENIGMA DA RECONSTRUÇÃO, POR LÚCIA HELENA GOMES DE JESUS, PÁG.
36
CICLO, POR MARIA EMILIA DOS SANTOS, PÁG. 38
UMA ESTRANHA AVENTURA, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 41
COMEÇA AOS QUERENTA, POR RAFAEL BOECHAT MARQUES, PÁG. 44
ENTRE UNIVERSO E EXISTÊNCIA: VIDA, POR RENATA STANGHERLIN DOS
SANTOS, PÁG. 47
CONTRAPONTO EXISTENCIAL, POR RENATA STANGHERLIN DOS SANTOS,
PÁG. 49
CONECTADOS, POR RENATA STANGHERLIN DOS SANTOS, PÁG. 51
VOO PARA O COSMOS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 53
NÃO ESTAMOS PREPARADOS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 55
DO ÊXTASE À VIDA, POR SOPHIÉN, PÁG. 58
O LOBO DO UNIVERSO, POR SOPHIÉN, PÁG. 63
SATURNO EM MIM, POR SOPHIÉN, PÁG. 66
CONSTELAÇÃO DE GÊMEOS - NA TERRA COMO NO CÉU, POR SOPHIÉN, PÁG.
69
GALÁCTICA, POR SUZANA MARA SACCHI PADOVANO, PÁG. 75
MERGULHO, POR SUZANA MARA SACCHI PADOVANO, PÁG. 77
SAUDADES CÓSMICAS, POR SUZANA MARA SACCHI PADOVANO, PÁG. 80
QUANDO A TERRA QUASE PAROU, POR TARSO ARAÚJO, PÁG. 82
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 86

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

CONTOS E POEMAS
SOBRE

0

UNIVERSO

APRESENTAMOS O POEMA

O ANO QUE NÃO QUIS ACABAR

POR ALEXANDRE MONTEIRO

Alexandre Monteiro é arquiteto graduado pela UFRJ; artista visual; especialista em História da Arte pela UCAM-RJ; professor da graduação em Design na UCAM-RJ e mestrando em Sociologia Política pelo IUPERJ.



Ao fim de dezembro,
de um ano vulgar,
em tarde sem brilho,
nem triste nem bela,
o ano decide
não mais terminar.

A Terra que gira
em torno de si
e em torno do Sol
se opõe a girar.

Que Newton diria
da força invisível
que une planetas,
que busca cometas,
não mais atuar?

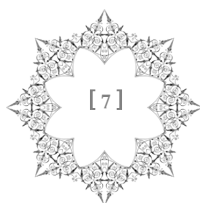
Que Einstein diria
de tal rebeldia?
Vendo a teoria
se desmoronar.

Os doutos doutores
são improdutivos
ao raro propósito
de querer explicar.

A filosofia,
por vários caminhos,
o fato especula
e se perde no ar.

Um ano que agora,
sem mais Carnavais,
nem Páscoas, Natais,
prosegue à deriva,
sem nunca aportar.

E tudo que possa
na Terra existir,
e tudo que venha
a se repetir —
as pragas do Egito,
o incêndio dos maias,
o choro holocáustico,
a queda das torres —
num tempo sem tempo,
fadado a voltar.



APRESENTAMOS O POEMA

CONCLUO UM POEMA DENSO

POR ALEXANDRE MONTEIRO

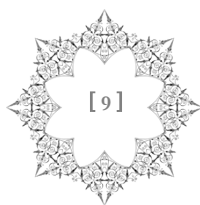
Alexandre Monteiro é arquiteto graduado pela UFRJ; artista visual; especialista em História da Arte pela UCAM-RJ; professor da graduação em Design na UCAM-RJ e mestrando em Sociologia Política pelo IUPERJ.



Para além da matéria imóvel,
Vejo versos que se aproximam,
Palavras que se precipitam,
Letras que se acumulam
E se amontoam numa só.
Na louca vertigem veloz,
Reduzem-se a único ponto
Que ocupa o espaço de um átomo
(do quark no centro do átomo).

Tornado buraco negro,
Nada escapa a meu poema
Que suga o anel, a mão, o corpo,
A mesa em que escrevo, o quarto,
O prédio que habito, a rua.
São trinta quadras já fechadas:
Correntes, grades, fossos, muros.

Ao longe, placas avisam:
“Perigo! Poema-denso.



APRESENTAMOS O POEMA

AS MINHAS VERDADES

POR AMILTON CONTÉ

Nasceu em Bissau, capital da Guiné-Bissau. Passou a infância em África e imigrou para Portugal em 1999, em busca de melhores condições de vida. Vive há 14 anos no Luxemburgo. Desde sempre escreveu como forma de ocupar o seu tempo livre. Começou a escrever aos 18 anos, mas encontrou grande dificuldade para editar os seus livros, o que só foi possível quando já tinha 40 anos.

Obras publicadas

2022 - As Mágoas que Magoam

2023 - 50 Vidas: Silêncio das Almas Perdidas

2024 - Eu, o Poeta

2024 - Antologia (Contos e Histórias daqui e do Além)

2025 - Amor Sublimado de um Poeta - Antologia

2025 - Minha História para o Mundo

2025 - Mistérios: Contos e Poemas - Vol. III

2025 - Cartografia dos Afetos: Amor é um Acto Político

Homenagens

2022 - Gala de Homenagem, II edição "No Sta Djunto"

2025 - Prêmio Literário Internacional Suisse Excellence

2025 - Homenagem por Mérito - Prêmio Afro Events
Luxemburgo

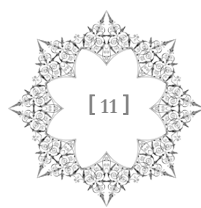


Uma lenda se escreve com bravura.
Uma história é história por sua marca.
Um mito só ganha vida na sombra arcaica.
As minhas verdades me levaram à aurora.

Essa viagem, essa aventura, essa mudança —
ainda jovem, inocente na minha inexperiência —
embarquei em mentiras que apelidei de anciãs.
Assim fui viajando o mundo, sem muita graça.

Saí do país, deixando minha mãe desmaiada,
por nunca imaginar o filho em Serra Leoa,
mesmo sabendo que ele cairia nas garras do leão.

No país de Sekou Touré, passei pela avenida;
Gran Canária me lembra as dificuldades,
e como menti sem conhecer as verdades.



APRESENTAMOS O CONTO

GAVETAS ESQUECIDAS

POR ANTONIO CARLOS MARQUES

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras (ABROL). Agrônomo, economista e advogado (OAB 13.339), já publicou 17 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve textos de filosofia poética, contemplados em diversos gêneros literários.



Destroços, destroços de mim... dentro das gavetas, meus cometas de hoje e de antanho... tamanha é a confusão.

Arrumando gavetas, estrelas de anterioridades...

Antigas e novas idades...

Mergulho no cemitério dos quase-mortos... quasar das minhas quase-estrelas...

Arrumando gavetas, arrumando gavetas...

Quem são estes e estas, quadros e silhuetas? Onde me retrato como o eu mais meu? O mais presente? O meu mais ausente?

Existem muitos eus meus... muitos retratos; muito retratado fui... ou não.

A bagunça é uma onça... ou uma unção... ela me penetra em antigos quadros e esquadões... penetro na floresta, na fenestra do meu armário, do meu quarto embutido.

Sou sentido, sou-me pressentido... a ocasião não faz o meu ladrão!

Vou limpando, vou encontrando meus seres e meus perceberes... claro, não sou deles — achados e perdidos... eles, os meus antigos recortes de jornais...

Elas, minhas fotos siderais... meus orgulhos, meus argumentos... argamassas e cimentos...

Afasto o orgulho e o gorgulho... orgulho do que não sei; gorgulhos do que me comprometem e me comprometeram... hej, aquele ali sou eu!

Idade das tranças, das traças e das crianças.

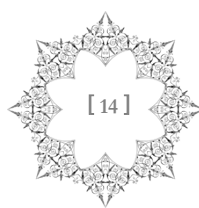
Filhos materiais e ondas imateriais... porque a imatéria é tempo e é temporal... atemporal nas minhas gavetas e nos meus próprios cometas, internos e externos.

Mas a bagunça é modelar, ela é verdadeira... não é zombeteira: muitos eus meus estão escondidos e perdidos naquelas minhas antigas gavetas...

Por que tens antigas gavetas? Não são lembranças dos bangs, dos teus pequenos big-bangs? Onda a expelir do teu discernimento? E do teu próprio (ou não) esquecimento?

Continuando a explicação e a minha própria excursão:

- Vou catando e afastando aranhas e teias de aranha.
 - Vou limpando e sujando memórias e histórias.
 - Encontro fotos de filhas e de filhos. Filhos de mim também são meus prestígios.
 - Encontro documentos e argumentos... tudo é provisório, tudo te é — e é — tão provisório. Mas não só a ti, não só a ti... tu tens o teu “ti”... e, do outro, aquele outro, aqueloutro...?
 - O fundo da gaveta... o quase-oratório.
 - A alcova dos netos, a gaveta, o gaveteiro...
 - A porta que não abre... será porque tu és o teu próprio surdo, criado-mudo?
- O tempo fala, o tempo te acalma...



APRESENTAMOS O POEMA

CARTOGRAFIA DO INFINITO POR CÉLIA LOPES

Célia de Fátima Lopes da Silva é professora, escritora e poeta brasileira. Sua escrita transita entre poesia, prosa poética e reflexão crítica, abordando memória, ancestralidade, espiritualidade e questões sociais. Participa de projetos literários e antologias, com interesse no diálogo entre literatura, cultura e pensamento. Sua obra compreende a palavra como espaço de resistência, sensibilidade e travessia.



Antes do nome das coisas,
havia o espanto.

Um clarão rasgou o ventre do vazio,
e o tempo surgiu ardendo
na primeira respiração do cosmos.

Desde então,
estrelas escrevem alfabetos de fogo
sobre manuscritos de sombra.

Galáxias giram
como memórias antiquíssimas
no corpo invisível do infinito.

Planetas dormem mares
jamais tocados.

Cometas atravessam séculos,
errantes mensageiros,
trazendo rumores do desconhecido.

Buracos negros,
oráculos do abismo,
guardam perguntas
que nem a luz conseguiu responder.

E nós,
matéria breve,
poeira de estrelas consciente,
carregamos no sangue
a memória incendiada dos sóis.

Talvez cada pensamento
seja uma órbita.

Cada amor,
uma constelação em nascimento.

Cada perda,
mudança de atmosfera.

E, se houver vida além da Terra,
talvez nos reconheça
não por sinais,
nem por linguagem,
mas pelo assombro.

Porque o universo
não cresce apenas para fora:

ele se expande
dentro de cada consciência
que ousa perguntar.

No olhar erguido para a noite.

Na vertigem de quem busca origem.

Na palavra do poeta,
tentando medir o infinito
com a fragilidade do verbo.

E talvez Deus,
ou o acaso,

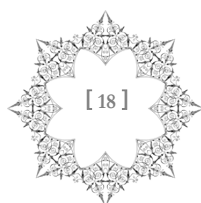
ou o próprio mistério,

tenha feito das estrelas
não um destino distante,

mas espelhos.

Porque, enquanto houver alguém
contemplando a noite
e perguntando quem somos,

o Big Bang,
em segredo,
ainda estará acontecendo.



APRESENTAMOS O CONTO

O PACTO DO CATUAL

POR D. GIOVANI CAPIROTO

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



A porta da grande indústria farmacêutica se abre. Lá, nas fábricas, produzia-se uma série de compostos usados em laboratórios — desde cianuretos tóxicos até substâncias marcadoras radioativas.

Entra um grupo de vítimas da talidomida, que discutia com o sindicato de síntese química a real necessidade daqueles produtos que, no meio ambiente, causariam desde o medo do passivo até a catástrofe concreta, como esperado.

O diretor da firma, junto ao presidente e aos principais acionistas, confere a fala em que expõe a necessidade dos produtos, a importância das substâncias citotóxicas e o avanço da tecnologia obtida nas faculdades. A área de saúde, baseada nas descobertas bioquímicas, era a mais rica em tecnologias planejadas. Vidas eram salvas, empregos eram mantidos — inúmeros funcionários muito bem remunerados.

O grupo lembrava dos casos, de por que eram vítimas e de por que se empenhavam em discutir, ponto a ponto, a real necessidade da existência daquele “produto” no mercado. Discutia-se a inferência econômica e a segurança. A humanidade tinha se mantido por centenas de milhares de anos sem depender de tais riscos. A qualidade de vida poderia ser mantida sem a violência contra inocentes que ainda estavam por nascer.

Nisso, o porta-voz do governo, atuante no partido ambientalista, ponderando os dois grupos — aos quais não desejava melindrar — profere, depois de pensar: a importância dessas substâncias para o avanço da tecnologia é, de fato, inegável. Façamos um acordo de bom senso. Apenas faculdades e universidades de ilibada reputação poderão ter acesso a essas substâncias que nos causam discórdia.

Estudos mostram que 40 mil microscópios eletrônicos foram lançados no mercado. Eles têm funcionado nos últimos 10 anos. Muitos setores utilizam-nos sem essa parafernália química que nos causa medo e remorso. São equipamentos que monitoram peças metálicas, cristalografias etc. Estes, sem sombra de dúvida, são seguros, a princípio.

Mas, desses 40 mil, quantos ainda não serviram para substituir aparelhos obsoletos, de mais de 30 anos? Quantos aparelhos completamente fora de linha são mantidos para análise de espécimes biológicos, utilizando essa causa do mal, sem segurança alguma, sem obedecer às normas?

Façamos um acordo: será mantido um verdadeiro sistema de segurança, impedindo o lançamento no ambiente e restringindo a venda desses insumos nocivos à vida a universidades e centros de pesquisa de ilibada reputação.

Todos se sentiram aliviados. Enfim, haviam chegado a uma mútua aceitação. As faces sorriam; havia menos medo na sala. Um alívio quase celeste toma o ambiente da reunião. Os corpos se refrescam pela mente.

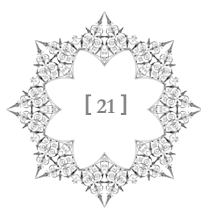
A secretária, notando o fim da reunião e preparada para esse desfecho pacífico, convida todos para um brinde no Salão Nobre da empresa. Todos se dirigem. Como de costume, as reuniões ambientais terminam com um coquetel — bem distante da nobreza.

Todos com copos na mão, taças cheias do melhor champanhe. Proclamado o acordo, o dono da firma, em pessoa, leva a taça à boca e, no primeiro gole, cai morto ao chão. Ri Satanás.

Ao chegar ao inferno, é recebido pelo demônio em pessoa. Este lhe pergunta o que pensava de ter sido morto à felonia pelo sultão dos eunucos, já que era em suposta felonia que sacrificava os seres com seu lixo idiota de substâncias tóxicas lançadas à água.

O homem, apavorado, em um local padecente e distante de sua mordomia, arregala os olhos. O sultão, mais feliz que nunca, diz: “Abra tua boca para receber uma pedra de enxofre quente. Porque aqui nem a água que contaminavas terás para refrescar a língua.”

A taça de cristal cai ao chão, partindo-se em pedaços.



APRESENTAMOS O POEMA

O UNIVERSO NA PALMA DA MÃO

POR EDSON LUIZ DA SILVA BRIATO

Edson Luiz da Silva Briato é licenciado em História, com especialização em Educação pela Pesquisa. Natural de Campo Bom, Rio Grande do Sul, o autor é um entusiasta da literatura e da poesia, tendo a polonesa Wisława Szymborska como sua poeta de maior inspiração e predileção.



O cosmos estica seus membros de luz; galáxias fogem umas das outras numa coreografia de trilhões de anos que ninguém aplaude.

Lá fora, o tecido do espaço se expande num grito silencioso, enquanto, aqui, o horizonte dobrou-se para caber em cinco polegadas.

Onde foi parar a nossa pupila?
Ela não dilata mais para a imensidão; contrai-se diante da notificação.

Somos seres de carbono ignorando o oxigênio para respirar o “feed”.

O universo é um banquete de mistérios,
mas a humanidade prefere o salitre da massa instantânea de três minutos, aquecendo a alma em plástico, enquanto o tempo real apodrece no prato.

Perguntam sobre Órion na fila do caixa:
“É um novo servidor de apostas?”, indaga o viciado em dopamina.

Mal sabem que o Caçador está logo ali em cima,
sustentando o vácuo enquanto nós seguramos o celular.

Ele não é um código, nem uma plataforma de jogos;
é o próprio infinito olhando para baixo,
rindo da nossa pressa cega em trocar o eterno
por um minuto de luz artificial que não aquece ninguém.

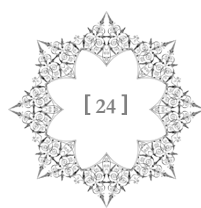
Estamos em coma, despertos apenas para o clique.
Dormimos em nós mesmos, pequenos núcleos de orgulho e pressa,
enquanto o universo rege o mapa da existência.

Ele não precisa da nossa permissão para ser imenso;
seguirá, vasto e magnífico, quando o último circuito queimar.

Se houver um bote salva-vidas nesse naufrágio de silício,
que não salvem os algoritmos, nem os dados, nem as senhas.

Salvem os poetas.

Pois só eles ainda sabem que uma estrela não é um pixel
e que o coração humano, apesar de reduzido,
ainda é o único lugar onde o infinito dói de verdade.



APRESENTAMOS O POEMA

COSMOS POR ERIKA ROSSETTO

Erika Rossetto é natural de Guarulhos, e residente do Rio de Janeiro. É bacharel e mestre em astronomia pela UFRJ e pós graduada em gestão de projetos para engenharia pela PUC-PR. Há 16 anos, trabalha no setor espacial. Sempre gostou de ler e escrever. Com o nascimento dos seus filhos, adquiriu o hábito de criar histórias para eles e publicou 2 livros infantis a partir delas: "Missão Planeta" e "Quem Mexeu no meu Ovo?". É palestrante para crianças e adultos e faz oficinas envolvendo literatura e astronomia em escolas. Tem contos adultos finalistas de concursos literários que serão publicados em breve.



Na imensidão escura, a Lua ilumina o horizonte.

Estrelas, planetas, cometas, asteroides —
tantos corpos que a noite encobre.

Astros em compasso despertam o enigma do universo:
que mistérios se ocultam entre nebulosas, quasares
ou, talvez, nos véus de infinitos multiversos?

Minha mente vagueia pelo infinito de possibilidades:
quanta vida há para ser descoberta,
quantos mundos para serem explorados?

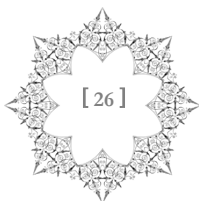
Se daqui só vejo o passado, onde repousa o futuro?

A energia que do céu emana intriga toda a humanidade.

Se vistos de fora, seríamos como pólen:
mínimos, indistinguíveis, suspensos no espaço,
flutuando, frágeis, no sopro das galáxias.

Raças, guerras, moedas dissolvidas,
apenas ecos dispersos na respiração do cosmos.

Em qualquer órbita que seguimos, encontramos a mesma resposta:
somos cinzas das estrelas,
somos energia reciclada.



APRESENTAMOS O POEMA

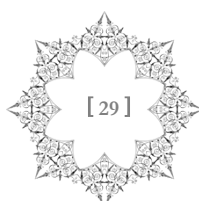
MODELOS POR EUGÊNIO ARQUEIRO

Nascido em dezembro de 1964, em Caçapava, São Paulo, Wilson Lara Junior casou-se com Sandra Maria. Aposentou-se no ITA- DCTA em 2025. É licenciado em Filosofia pela UNIMES; pós-graduado em Sociologia pela UNICLAR; pesquisador em Filosofia Clínica pelo Instituto Packter e pós-graduado em Ciências Humanas: Sociologia, História e Filosofia pela PUCRS. Pratica corridas a pé de médias distâncias. É um leitor voraz, e tem autores preferidos Carl Sagan, Machado de Assis, Isaac Asimov, Marcelo Gleiser, Victor Hugo e alguns outros tão memoráveis como os citados.



Um veneno flui desde há muito.
Entre os sete eruditos, o jônico,
Já sentia seus efeitos, quando por intuito,
Explicou, mesmo que canônico,
Que tudo vinha de um primórdio.
Ele dizia ser a água o *arché*.
Depois, outros com o mesmo exórdio,
Lançaram cada um seu *démarche*.
Vizinho de Tales, Anaximandro; um *mocoron*,
Para rivalizar com o pioneiro,
Dizia ser o fundamento, o invisível *apéiron*.
Anaxímenes, sem sair do roteiro,
Para explicar o uno cria nova teoria.
É o ar que para as coisas fornece os genes.
Um pouco ao norte brota outra cosmologia.
Xenófonos ao explicar os gérmes,
Continua com teoria que alimenta a bozerra.
Viu que o início e fim de animal ou planta,
E até o leite das águas se dá sempre na terra.
Ela então passa a ser aquilo que tudo alevanta.
Um vizinho obscuro, defensor do mobilismo,
Sem delongas entra no jogo.
Heráclito com falso simplismo,
Afirma que de tudo o princípio é o fogo.
Um filósofo insular, que em Samos refletia,
Pensando sobre a essência, cria o pitagorismo.
Para ele havia algo que o todo se submetia.
A harmonia do cosmos se deve ao algarismo.
Outro ilhéu, um siciliano de Agrigento,
Estabelece novo modelo que estrutura o mundo.
Da terra, fogo, ar e água ele faz um agrupamento,
Para Empédocles esse caldo é do todo o oriundo.
Um clazomeno visionário falava de partículas,

Infinitas na pequenez e quantidade,
Cada coisa desse mundo é composta por retículas.
Anaxágoras chamou homeomerias essa singularidade.
Demócrito segue na mesma linha corpuscular.
A natureza é feita por átomos e espaço,
Sem o vazio o mobilista estaria proscrito,
E o mundo marcharia no descompasso.
Matemático exímio, filósofo aventureiro,
Leibniz traslada a teoria do nous homeomérico,
Agora são as mônadas que compõem o letreiro,
Do linguajar que tipifica o material esotérico.
Passada a fase filosófica, a ciência toma a frente,
Para com instrumentos e repertório hermético,
Discursar sobre outro átomo, um pouco diferente.
Agora divisível, multicomposto, mensurável e energético.
O contemporâneo vai além na composição universal.
Astrofísicos, químicos e cosmólogos formam uma horda,
Que tenta unificar todas as teses, com estudo concausal.
A matéria primeva, que em tudo está chama-se corda.
Quiçá em tempo futuro, próximo ou longínquo,
Um pensar insurgente de uma mente desencanada,
Munido de desígnio sagaz e profícuo,
Lance a possibilidade que o tudo é feito e veio do nada.



APRESENTAMOS O POEMA

MACROCOSMO INFINITO

POR GUILHERME CRUZ

Nasci em Cruzeiro/SP, em 01.fevereiro.1961. Bibliotecário formado pela FESP/São Paulo em 1992. Faz uns anos tivemos na Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo um curso de criação literária; foi quando o professor Oiram Antonini sugeriu que eu escrevesse poemas. Segundo colocado no concurso nacional de poesia promovido pela Academia Riopretense de Letras com o poema 'Eu e a epilepsia'. Participações em antologias anteriores sobre o tempo e sobre o futuro.



Num início formidável,
o universo surgiu,
o Big Bang aconteceu
e esse instante o definiu.

Um primórdio bem difícil,
de incerteza e confusão,
tudo era hipotético,
mas ganhou explicação.

Do neolítico aos egípcios,
muitos foram estudiosos,
Ptolomeu, Copérnico e Galileu,
este, sim, foi corajoso.

Muitas coisas tão distantes,
nosso cosmo é colossal,
teve um início explosivo,
hoje o vemos contemplativo.

Ele é feito de energia,
esplendor da nossa origem,
testemunho do passado,
hoje ainda nos exige.

Após tantas incertezas,
com esforço e intuição,
os astros foram nomeados:
Marte, Netuno e Plutão...

A ciência nos ensina,
e com o tempo concluímos:

ele nunca foi restrito,
o universo é infinito.

O horóscopo sugere
um futuro hipotético,
é a Lua quem inspira,
mesmo assim, algo poético.

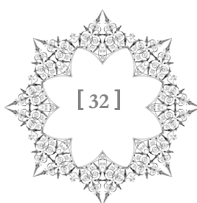
Trajetórias singulares
testemunham esse arranjo,
nossos astros em suas órbitas,
regulares em seu balanço.

Telescópios inventaram,
para o longe então seguir,
uma busca incansável
por respostas do porvir.

No espaço sideral,
astronautas já passaram,
evidência grandiosa
do que um dia imaginaram.

Conhecemos só uma fração,
tudo é vasto e tão distante,
mesmo assim é evidente
que há muito adiante.

No universo nós vivemos,
somos todos viajantes,
nesta história passageira,
e ao fim, seremos poeira.



APRESENTAMOS O POEMA

O CAMINHANTE GALÁCTICO POR JOSÉ DIAS LINHARES

José Dias Linhares é natural de Belo Horizonte/MG. Escritor que prioriza a alma e o fluxo de consciência, conduz seu processo criativo de forma orgânica e intuitiva. Suas obras nascem de lampejos de inspiração visceral, registrando ideias como cartazes de sentimentos e vivências. Atualmente, dedica-se à produção de textos inéditos, buscando imprimir sua voz autêntica e independente na literatura contemporânea.



Oh, noite!
Que belezas tu escondes?
O que ocultas da minha vista?

Ando pela imensidão de teus vastos céus,
percorro as estrelas, vou de brilho em brilho,
passo entre teus lençóis de nuvens,
dou a volta pela Lua, e seu brilho ofusca minha visão.

Mas sou teimoso e continuo a admirar-te!
Continuo minha caminhada galáctica, admirando cada astro celeste que encontro pelo caminho.

Uma estrela cadente passa por mim, muito apressada,
como se estivesse atrasada para um compromisso.
Mas, quando paro para observá-la,
ela já sumiu na vastidão do universo,
deixando apenas seu rastro de poeira cósmica, que vai se dissipando lentamente.

Sigo meu caminho, vou de planeta em planeta,
visito cada constelação.

Oh, Ursa Polar, quão bela tu és!

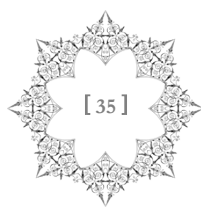
Percorro galáxia por galáxia, sem destino certo,
pois o universo é grande demais para um viajante como eu ficar preso a um único destino...

Sou um viajante sem rumo, um caminhante galáctico sem morada.

Oh, noite!
Que belezas tu escondes?

O que ocultas da minha vista?

Abro os olhos, mas continuo com o rosto voltado para o céu,
admirando, boquiaberto, tua imensidão
e imaginando teus mistérios.



APRESENTAMOS O POEMA

O ENIGMA DA RECONSTRUÇÃO

POR LÚCIA HELENA GOMES DE JESUS

Lúcia Helena Gomes de Jesus (Lu Lena) é escritora em Campo Bom/RS, dedicada à poesia e crônicas. Autora de "Pedacos de mim, sou assim" (2019) e com vasto acervo no Portal Pensador, integrou em 2026 a antologia "Meu Brasil Feminil" e possui obras registradas no Museu da Pessoa.

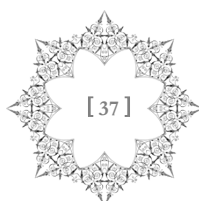


Entre fases e eclipses, as sementes germinam no escuro.
Coleciono silêncios macerados em cascas retorcidas pelo caminho.

Nesta reconstrução, que converte em uma densidade veloz a alma meio atônita,
observo, da dimensão, os meteoros e planetas distantes que não ferem,
mas iluminam o que não tem fim.

Intuições sussurram notas musicais raras em minha mente confusa e abstrata,
até que o enigma se decifre em versos flutuantes
que buscam um pouso plano
nesse campo estelar infinito que tento encontrar dentro de mim.

Carrego, com mão trêmula, a lanterna da luz do tempo,
que me faz renascer a cada suspiro.



APRESENTAMOS O POEMA

CICLO POR MARIA EMILIA DOS SANTOS

Maria Emilia dos Santos - Formada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Colatina e pós-graduada em Planejamento Educacional. Membro da Alarc - Academia de Letras e Artes de Colatina, professora aposentada. Trabalhou por catorze anos na educação infantil, foi contadora de histórias e coordenadora na Biblioteca Municipal de sua cidade, atualmente escreve poesias e contos.



Avistei no horizonte, nuvens bravas.
Sem demora, o vento começou a soprar forte;
as árvores, amedrontadas, soltam folhas amareladas,
e as nuvens cinzentas e enlouquecidas se movimentam freneticamente.

Uma espécie de feromônio é excretada no ar
e invade todo o ambiente. A terra se abre.
Abre os braços, a boca e as fendas,
esperando o sêmen que vem do alto, com promessa de vida.

Fechei as janelas e olhei, pela vidraça, encolhida no sofá.
A sala se ilumina após os retumbantes trovões.

Lá fora, cai uma grossa cortina de água,
cantando uma assustadora melodia, enquanto
as corajosas árvores se dobram
e o vento carrega coisas.

Entre os clarões, num momento reflexivo,
esforcei-me para imaginar o que não vemos,
o que ainda não sabemos
e o que está fora de nosso ponto azul.

Se realmente os deuses existem, onde estão eles agora?
Esses deuses que conhecemos e criamos:
Zeus, Hera, Apolo, Minerva, Alá e Jesus.

Onde estão eles: dentro ou fora do planeta?
Conhecem eles o universo inteiro e podem
comandar o que acontece aqui e agora,
na periferia de nossa galáxia?

Pensando, concluí que certamente devem existir outros
deuses intergalácticos. Eles sabem o que é um buraco negro;
entram e saem deles, e a matéria escura
é algo comum.

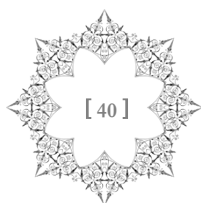
Comum como assistir a um culto dominical,
criar uma estrela, rezar um terço, mandar um raio,
tomar uma cerveja ou comer uma hóstia.

Lá fora, o vento se acalmou, cessaram os relâmpagos
e a chuva diminuiu.

A terra está grávida.
Desconheço os cálculos dessa gestação.
Não tardará a parir todo tipo de planta, florestas,
sementes, lindas flores e grama verde.

Respirei aliviada por ser assim esse ciclo em que a vida se renova.
Na minha insignificância, estava feliz e sorri.

Os deuses que se entendam na vastidão do universo,
se eles existirem.



APRESENTAMOS O CONTO

UMA ESTRANHA AVENTURA

POR MARILU F QUEIROZ

Publicitária, Escritora e Aquarelista.
Mestre em Educação, Arte e História da
Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.
Assoc. REBRA - Rede de Escritoras
Brasileiras. Assoc. ACIMA - Associazione
Culturale Internazionale Mandala - Itália
Livro de contos, didático e dissertação
sobre arte.

Textos em antologias e revistas
eletrônicas - Brasil, Alemanha, EUA,
França, Itália, Portugal e Suíça.



No Parque Ibirapuera, eu caminhava pela trilha todas as manhãs, mas, naquele dia, o calor assolava toda aquela imensidão. Ávida por um pouco de sombra e água de coco, deparei-me com uma clareira no meio da vegetação verdinha. Aquele lugar tinha uma estranha atmosfera, onde uma névoa espessa encobria uma árvore cujo tronco estava envolto por uma vegetação mais escura e sombria.

Aquela hora da manhã me induzia a questionar o motivo de esse lugar ser tão diferente dos demais. A curiosidade era tanta que, sem nem pensar, segui em direção à clareira. Havia algo que me fazia questionar e estranhar tamanha diferença.

Conforme eu me aproximava da árvore, uma estranha sensação de já ter estado lá se apossava de mim de tal forma que cheguei bem perto dela e estendi a mão. O que aconteceu nem consigo explicar direito... Só sei que a vontade de continuar me motivou a andar mais rápido, ao mesmo tempo em que comecei a cantarolar uma música que grudou na minha mente e de lá não queria sair. Assim, andei saltitando para lá e para cá, num ritmo cadenciado e engraçado.

À medida que avançava por aquele estranho caminho, o ambiente ia ficando cada vez mais escuro e desafiador, até que comecei a enxergar luzes coloridas. Finalmente, avistei um lugar amplo, muito movimentado e cheio de teatros com imensos cartazes luminosos, que chamavam a atenção de todos que lá estavam — a Times Square e os teatros da Broadway, em Nova York?

Não estou entendendo... Já estivera aqui, mas não dessa forma, sem precisar viajar longas horas de avião. Era estranho estar naquele local, então aproveitei para ver os inúmeros cartazes dos musicais, mas um deles, “Chicago”, chamou minha atenção de modo especial. Como assim? Lá estava a data de estreia do musical: 3 de junho de 1975, no 46th Street Theatre. O que aconteceu? Voltei no tempo? Não entendo...

“Chicago” conta a história de duas rivais presas na Cook County Jail. Ambas mataram seus respectivos parceiros após serem traídas. Velma trabalhava em um nightclub; Roxie Hart sonhava com um mundo de glamour e fama.

Parada em frente ao teatro, ouvi o grito estridente de um homem, que me olhava fixamente e de forma desafiadora:

— Mas o que você faz parada aí, olhando o quê? Já devia estar vestida há um tempão! Não vê que o ensaio já começou? Precisa substituir a atriz que vai encenar Roxie Hart, pois ela torceu o pé e ficará três meses afastada. Corre... corre!

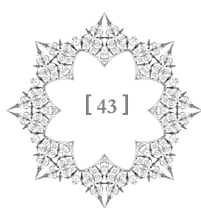
Assustada, corri para o interior do teatro, arrumei-me rapidamente e escorreguei para dentro de um minúsculo vestido preto, todo cheio de brilho. Então foi a minha vez de entrar em cena... não é que começou a tocar a mesma música que me impulsionou até ali?

Tá... tá... tá... tá... tá... tá... rantá... tá... Roxie, Roxie, Hot!

Assim, fiquei três meses cantando e dançando no musical. Adorei! Depois, a atriz principal voltou e eu, como já cumprira minha missão, tive de dar um jeito de retornar. Não sem antes pegar um cartaz do musical, onde estavam estampadas as fotos de Velma e Roxie — e eu, como substituta da atriz principal.

Então fui até a frente do teatro e, no meio daquele burburinho todo, dirigi-me ao caminho que me permitiria voltar. Feliz, engatei novamente o ritmo cadenciado de Roxie, saltitando e cantarolando a música que ficou diariamente na minha mente durante todo esse tempo.

Já no Parque Ibirapuera, percebi que só havia se passado uma hora desde que entrei na clareira. Então fui até o carrinho de água de coco e sentei-me em um banco ao lado da trilha, quando me lembrei do cartaz do musical. Ao abri-lo, levei o maior susto: era apenas um papel em branco, nada mais!



APRESENTAMOS O CONTO

COMEÇA AOS QUARENTA

POR RAFAEL BOECHAT MARQUES

Tarefa difícil é escrever sobre o autor, sendo ele mesmo quem escreve. Não parece haver caminho mais curto para deixar evidente a própria soberba ou a falsa modéstia. Na tentativa de poupar o leitor de tamanho enfado e a si próprio do vexame, o autor limita-se a estas breves quatro linhas de biografia.



Quarenta anos passaram. O que isso significa?

Significa que, desde que saí do aconchego do útero materno e me encontrei neste mundo, no exato momento em que o fôlego da vida foi soprado em minhas narinas, ao primeiro choro, a Terra, como que devorando distâncias, percorreu centenas de milhões de quilômetros, completando quarenta voltas ao redor do Sol.

É só isso?

Nessas quarenta voltas, o Sol, enquanto eu girava veloz junto à Terra, fundiu milhões e milhões de toneladas de hidrogênio, gerando uma incalculável quantidade de radiação eletromagnética. Nisso se evidencia o conflito existencial que o define, conflito que delinea sua marcante e imponente “personalidade”: sua enorme massa gera gravidade, que gera fusão, que gera pressão de radiação; esta empurra para fora os mesmos átomos que a gravidade puxa para dentro. Um conflito entre contração e expansão, como um movimento respiratório: o Sol está vivo.

Trata-se, de fato, de um conflito geracional: pai contra filho, gravidade contra pressão de radiação. E é justamente em meio a essa luta incessante que o Sol vive; é essa batalha incansável que o estabiliza.

Mas, no final dessa guerra, qual geração vencerá?

Em guerras entre gerações, normalmente, não há vencedores: todos perdem. Nem a gravidade, nem a pressão de radiação, tampouco o Sol ou mesmo a Terra. Nem sequer meus átomos, que há muito já estarão espalhados. No final, todos são derrotados. Que paradoxo! O Sol apenas vive enquanto seu conflito existencial durar.

Será assim comigo? Só vivo enquanto luto?

Nessas quarenta voltas, eu e a Terra fomos continuamente afetados pelo Sol, por seu temperamento, tempestades e erupções. Em meio à guerra entre forças descomunais, internas e externas, o Sol derrama, furiosamente, sobre nós uma quantidade absurda de radiação.

Sobreviveremos?

Eu e a Terra giramos a milhares de quilômetros por hora ao redor do Sol. Eu, há quarenta voltas, resisto. O impacto da radiação solar é mortal: pode facilmente me destruir, do DNA à camada mais superficial da pele. A radiação me transpassa. Não posso fugir. Não há onde me esconder. Resta-me resistir — e resisto. Mais do que isso: com minha

melanina, absorvo, sintetizo e, onde deveria haver morte, a luz e o calor da radiação eletromagnética se transformam em vida.

E a Terra, não diferentemente de mim, há quatro bilhões e meio de voltas, também resiste. O impacto da mesma radiação que me atinge queima sua atmosfera e superfície. Mas ela resiste. Com seu campo eletromagnético, protege-se, absorve, sintetiza e, onde deveria haver morte, a luz e o calor também se tornam vida. Paradoxo! O que pode nos destruir é o que nos mantém vivos.

Ainda resta a pergunta: quarenta anos passaram. O que isso significa?

Quarenta voltas ao redor do imponente Sol desnudo, que me banha com generosa quantidade de luz e calor. Quarenta voltas, e nunca parei. Nem eu, nem a Terra. Freneticamente em movimento, aprendo, ensino, ganho, perco, ato, desato, caio, levanto, experiencio, vivo, construo, construo e construo, até o corpo doer, até as mãos calejarem. Não paro. Multiplico.

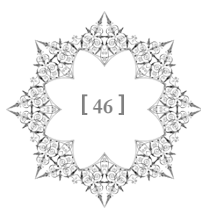
Depois de quarenta intensas voltas ao redor do Sol, meu corpo está enrijecido pela árdua viagem e a alma renovada pelas maravilhas vislumbradas no percurso. Definitivamente, estou pronto! Que venham as próximas quarenta voltas! Não vejo a hora! O que me espera? Somente Deus sabe, mas não temo, pois, em quarenta voltas, nunca me abandonou.

Afinal, é isso o que significa.

E o imponente Sol continua um, brilhando sozinho na imensidão do espaço vazio.

E eu, após quarenta voltas, sou quatro.

Quem venceu fui eu.



APRESENTAMOS O POEMA

ENTRE UNIVERSO E EXISTÊNCIA: VIDA

✦ **POR RENATA STANGHERLIN DOS SANTOS**

Eu sou professora da Rede Estadual do Rio Grande do Sul, desde 2021, na cidade de Santa Maria/RS. Sou formada em Letras/Português licenciatura, Pedagogia, Especialista em Educação e Direitos Humanos e Gestão Escolar. A minha escrita para concursos e publicações iniciou-se nas pós-graduações. Hoje se intensificou por conta do meu trabalho no Centro de Atendimento Socioeducativo da mesma cidade, em que eu incentivo meus alunos a escrever, a partir da minha escrita. Penso que através da escrita, transformamos vidas!



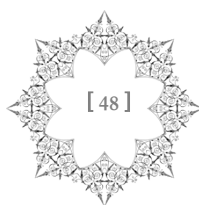
Contempla-se algo muito intenso e distante,
o que jamais foi percebido a olho nu,
a não ser quando há alguns fenômenos
que o homem consegue observar.

Além de estrelas, cometas e galáxias,
existe uma imensidão a ser explorada.

Há uma conexão entre a expansão do universo desconhecido
e a existência de vida em outros planetas, além da viagem do homem à Lua.

Ao contemplar as estrelas,
é possível questionar a existência de vida além do planeta Terra
e, então, compreender que o Universo é muito mais do que a composição de planetas,
cometas, estrelas e satélites: é também uma reflexão sobre a vida.

A diversidade é a contemplação desse Universo
que muitos desconhecem ou apenas ignoram.



APRESENTAMOS O POEMA

CONTRAPONTO EXISTENCIAL

✦ **POR RENATA STANGHERLIN DOS SANTOS**

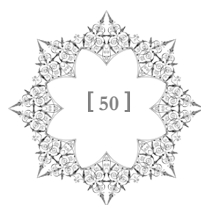
Eu sou professora da Rede Estadual do Rio Grande do Sul, desde 2021, na cidade de Santa Maria/RS. Sou formada em Letras/Português licenciatura, Pedagogia, Especialista em Educação e Direitos Humanos e Gestão Escolar. A minha escrita para concursos e publicações iniciou-se nas pós-graduações. Hoje se intensificou por conta do meu trabalho no Centro de Atendimento Socioeducativo da mesma cidade, em que eu incentivo meus alunos a escrever, a partir da minha escrita. Penso que através da escrita, transformamos vidas!



Entre o que já existe e a criação do homem,
o Universo se estabelece e se reinventa...
Este transcende o que é “natural” ao homem
e o que costuma ser visto como algo substancial.

Há quem o enxergue com outros olhos...
como um grande potencializador de trocas de energia,
reflexões, reinvenções, conexões.

Há quem diga que, no Universo, habitam
seres ancestrais, espirituais: Deus,
Jesus, anjos, entre outros.
É a eles que se emanam desejos e ideias positivas,
para que, então, de fato, os ideais aconteçam.



APRESENTAMOS O POEMA

CONECTADOS

POR RENATA STANGHERLIN DOS SANTOS

Eu sou professora da Rede Estadual do Rio Grande do Sul, desde 2021, na cidade de Santa Maria/RS. Sou formada em Letras/Português licenciatura, Pedagogia, Especialista em Educação e Direitos Humanos e Gestão Escolar. A minha escrita para concursos e publicações iniciou-se nas pós-graduações. Hoje se intensificou por conta do meu trabalho no Centro de Atendimento Socioeducativo da mesma cidade, em que eu incentivo meus alunos a escrever, a partir da minha escrita. Penso que através da escrita, transformamos vidas!

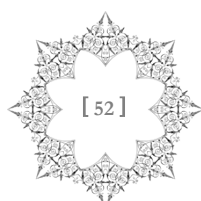


A sequência, as escolhas, a essência
estão diretamente ligadas ao universal.
Todos têm oportunidades, quaisquer que sejam,
para sua evolução.

O ambiente, o nascer, o viver e o morrer
estão interligados ao Universo,
ao que é diverso e, muitas vezes, desconhecido.

Sua complexidade está muito além do visível.
A alma, o ser, o sentir...
tudo transcende a vivência em quaisquer instâncias.

A frequência e a libertação são fortalecidas
pela energia emanada pelo Universo.



APRESENTAMOS O POEMA

VOO PARA O COSMOS POR SELMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.



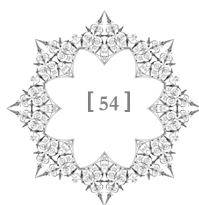
Tomei impulso... leve e ligeira
ascendi ao espaço maior... além
deste globo e os seus próprios
e restritivos limites. Para trás então
olhei... e vi o azul na totalidade.

Em meio ao escuro território...
o contínuo e espiralado prosseguir
da Terra... a acompanhar o familiar
sistema de irmãos próximos
e do quente e luminoso pai.

Flutuei para longe deste ponto único
e fui observar de perto os majestosos
gigantes gasosos... com seus anéis
e satélites... deslumbramento a desafiar
a realidade... e a minha consciência.

E fluí pelo enigmático e obscuro
enxame externo... monstruoso e longe
de um Sol - que vida permite e ainda
tão poderoso, a tudo desafia -
agora minúsculo e inconspícuo.

Deixei-me ir... incontáveis sóis presenciei...
e da Via Láctea tomei distância...
por Andrômeda passei e nas galácticas redes,
adentrei... como um intruso em meio ao
aracnídeo cósmico da teia universal.



APRESENTAMOS O CONTO

NÃO ESTAMOS PREPARADOS POR SELMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.



Eu estava numa base lunar, há muito estabelecida por nós - humanos terrestres.

Um dia, ao olhar para o alto, vi no nosso espaço circunferencial próximo, estabelecido pela nossa abóbada de gravidade artificialmente produzida, um pequeno disco achatado, com dois lados opostos levemente côncavos, direcionados para a nossa base.

E em segundos, sumiu.

Esta visão estranha se repetiu dias depois e então, merecia uma investigação.

Com um telescópio montado na maior elevação daquela área, começamos a investigar de início, todo o espaço acima da nossa base, até o horizonte visível.

Numa das extremidades e bem acima do nosso espaço, visualizamos um aglomerado de estruturas pequenas e globulares, na forma de uma colmeia.

Imediatamente o achado foi comunicado ao comando espacial na Terra e preparámo-nos para esvaziar a base e retornar à Terra.

Mas, aquela estranha "formação" foi mais rápida.

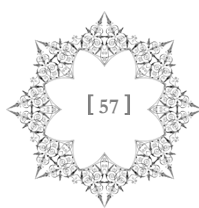
Quando estávamos já numa nave com uma quinta parte do pessoal, preparada para sair, num piscar de olhos, vimos uma fileira de "seres", no solo, a duas dezenas de metros de distância. Eram todos do mesmo tamanho, com um corpo humanoide de cerca de 1,75 metros de altura, cabeça tomada por um capacete globular e cinza escuro - grande em proporção ao corpo - vestimenta tipo militar, amarronzada, base inferior das calças alargadas e botas aparentes.

A primeira nave decolou. A segunda, a nossa, já preparada, mas com os tripulantes ainda no exterior, não teve a mesma chance. Com instinto de sobrevivência aguçado, começamos um a um, a nos distanciar daqueles "seres" e correr para a entrada da estrutura interna da nossa base.

Mas cada um de nós foi sendo interceptado por um daqueles estranhos que do seu corpo, estendia instantaneamente uma arma alongada, com a qual nos imobilizava.

Só então, notamos que eram formações robóticas altamente sofisticadas e com a estrutura física completamente maleável. E a forma humanoide provavelmente era para se assemelhar a nós.

A primeira nave que partiu rumo à Terra, aparentemente não foi interceptada. Mas à nossa frente, a incerteza se apresentou.



APRESENTAMOS O POEMA

DO ÊXTASE À VIDA POR SOPHIÉN

Sonia Maria Martins, sob o pseudônimo Sophién, é escritora brasileira de Belo Horizonte/MG. Sua produção poética contemporânea aborda temas cosmológicos, existenciais e espirituais, integrando ciência, sensibilidade e reflexão filosófica. Destaca-se pela construção de uma linguagem autoral que conecta a origem da vida, a consciência humana e os vínculos afetivos.



Partículas dispersas,
sem nome, sem destino,
começaram a se aproximar
como quem não sabe explicar
por que já não consegue ficar longe.

Talvez ali estivesse o óvulo —
uma nuvem densa, paciente, receptiva.
Talvez, em disparada,
os espermatozoides cósmicos —
grãos velozes, elétricos,
cheios de pressa e direção.

Não houve pudor.
Apenas gravidade.

E, num instante
que nenhum calendário registrou,
o universo conheceu o êxtase.

Explodiu.

Uma explosão tão intensa,
sem compostura,
cujo exagero
fez nascer as estrelas.

Algumas tímidas,
outras escandalosamente brilhantes,
cada qual com sua personalidade nuclear,
como boas filhas do caos organizado.

Mas nem toda matéria quis ser estrela.

Restou ainda muita poeira —
berço de novos corpos celestes.

Poeira que navega em órbitas,
como a do Sol,
na discreta e elegante nuvem zodiacal,
ou em outras vastidões silenciosas
onde o universo ainda se forma.

Que, de quando em vez,
desponta no céu —
a nos lembrar
que também somos dela.

Meteoritos caem do céu.

À primeira vista,
parecem restos,
fragmentos,
coisas que não deram certo.

Mas não.

São gestações interrompidas do brilho —
que escolheram não acender no céu.

Porque, no universo,
nem tudo que não vira estrela
é fracasso.

Alguns destinos...

são apenas mais discretos.

E foi assim —
sem espetáculo, sem aplauso —
que essa poeira encontrou a Terra.

Misturou-se ao solo,
à água,
ao improvável.

Trouxe consigo carbono,
oxigênio,
memórias de antigas explosões.

E, no silêncio do planeta ainda jovem,
aconteceu outra transformação.

Aquilo que não brilhou no céu
floresceu aqui.

A mais bela ironia do universo:
da morte das estrelas
nasce a vida
que pergunta por elas.

E talvez —
apenas talvez —
seja por isso
que os enamorados contemplam o céu.

Há no amor humano
uma memória antiga,
um eco distante

do primeiro êxtase do universo.

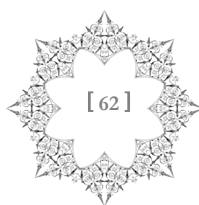
O mesmo impulso que acendeu as estrelas
ainda pulsa —

no coração da Terra,
no peito dos amantes,
no mistério de existir.

É o pulsar da vida no planeta.

Herança de luz
que um dia se despediu
para reaparecer
em íntimo pulso.

E no alto — e em tudo —,
magnânimo,
o Pai governa tudo.



APRESENTAMOS O POEMA

O LOBO DO UNIVERSO POR SOPHIÉN

Sonia Maria Martins, sob o pseudônimo Sophiën, é escritora brasileira de Belo Horizonte/MG. Sua produção poética contemporânea aborda temas cosmológicos, existenciais e espirituais, integrando ciência, sensibilidade e reflexão filosófica. Destaca-se pela construção de uma linguagem autoral que conecta a origem da vida, a consciência humana e os vínculos afetivos.



(Crônicas do Lupus Vorax e seu apetite sem fim)

I. O Nascimento

Tudo começa numa nuvem, um berçário de poeira,
Onde o gás vira estrela e acende a fogueira.
É hidrogênio em hélio, uma festa de luz,
Mas se a estrela é gigante, o destino a seduz.
Ela gasta o estoque, explode em supernova,
E o que sobra do brilho ganha uma roupa nova:
Um núcleo tão denso, um nó no vazio,
Que faz até o tempo sentir um calafrio.

II. O Anfitrião Antissocial

Ele nasce no escuro, o vigia do nada,
Que coleciona segredos na via traçada.
É o ralo do mundo, o cofre sem chave,
Não adianta o motor, não importa a nave.
Pois ele é solitário, um mestre do vácuo,
Não manda mensagem, não deixa um rastro.
Espreita as estrelas que dançam por lá,
Esperando o momento de as convidar... para o jantar.

III. A Dieta do Contrário

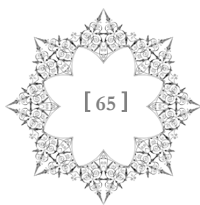
Ele é o campeão da dieta reversa,
Para ele, o tamanho é apenas conversa.
Esmaga galáxias num ponto escondido,
Um gigante real em anão convertido.
Não tem barriga, não tem cintura,
Só ganha horizonte e densidade pura.
É um arquivo ZIP que ninguém descompacta,
Com a fome de mil e a luz estupefata.

IV. O Drama da Balança

Um dia o Lupus foi à farmácia se pesar,
Mas a balança, coitada, começou a chorar.
— "Meu caro, assim não dá pra trabalhar,
Você nem subiu e o chão já afundou no lugar!"
Pois medir o universo, inteiro e profundo,
Num ponto pequeno que ignora o mundo,
É o pesadelo de qualquer engenheiro
E o nó cego do comitê por inteiro!

V. O Gran Finale

O ponteiro entortou, a física deu um nó,
Pois o Lobo do Universo não conhece a dó.
Engoliu o ontem, o hoje e o que virá,
E ainda está de boca aberta a esperar.
No fim das contas, ele é só um colecionador,
Que guarda o brilho de tudo com muito fervor.
O único que sabe, nesse imenso vaivém,
Quanto o silêncio pesa... e ele pesa muito bem!



APRESENTAMOS O POEMA

SATURNO EM MIM POR SOPHIÉN

Sonia Maria Martins, sob o pseudônimo Sophién, é escritora brasileira de Belo Horizonte/MG. Sua produção poética contemporânea aborda temas cosmológicos, existenciais e espirituais, integrando ciência, sensibilidade e reflexão filosófica. Destaca-se pela construção de uma linguagem autoral que conecta a origem da vida, a consciência humana e os vínculos afetivos.



Sou feita de tempo.

Não do tempo que passa,
mas do tempo que molda,
que pesa,
que estrutura em silêncio.

Sou Saturno.

Titã em mim —
forte não pelo grito,
mas pela permanência.

Carrego anéis.

Sete.

O anel D guarda o que nunca contei.
O anel C é minha sensibilidade.
O anel B é a força que o mundo vê.
O anel A é quem me tornei.
O anel F é minha delicadeza.
O anel G são minhas memórias.
O anel E é minha espiritualidade.

E tenho luas.

Sou Titã, Reia, Jápeto,
Encélado — fogo oculto,
Mimas — sensível,
Dione — suave,
Tétis — fluxo.

Houve um tempo em que eu devorava.

Engolia o choro.

Engolia a dor.

Mas hoje,
eu não devoro mais.

Eu elaboro.
Eu integro.

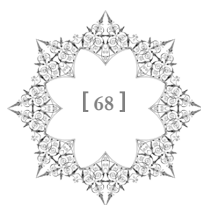
Porque amadurecer
não é endurecer.

É tornar-se planeta.

Com gravidade própria.

E, a cada ciclo,
eu me torno

mais eu.



APRESENTAMOS O POEMA

CONSTELAÇÃO DE GÊMEOS – NA TERRA COMO NO CÉU POR SOPHIÉN

Sonia Maria Martins, sob o pseudônimo Sophién, é escritora brasileira de Belo Horizonte/MG. Sua produção poética contemporânea aborda temas cosmológicos, existenciais e espirituais, integrando ciência, sensibilidade e reflexão filosófica. Destaca-se pela construção de uma linguagem autoral que conecta a origem da vida, a consciência humana e os vínculos afetivos.



Duas irmãs, de pé numa sacada,
observavam o céu estrelado.

— Olha... aquela é a constelação de gêmeos?

— Sim.

Silêncio breve.

— Você acha que somos iguais?

— Ou só parecidas o suficiente
para confundir o mundo?

— Dizem que existem gêmeas idênticas...

Univitelinas.

Um único começo,
dividido em dois corpos.

— E as outras?

Fraternas.

Duas histórias diferentes
que decidiram começar no mesmo dia.

— E nós?

Talvez sejamos algo entre isso...
ou além disso.

Olham o céu.

— Você vê aquelas duas estrelas?

— Vejo.

— Castor...

— e Pólux.

— Dizem que eram irmãos.

Inseparáveis.

— Um mortal...

— o outro, imortal.

— E mesmo assim, escolheram ficar juntos?

— Não como iguais...

mas como vínculo.

Silêncio.

— Talvez seja isso...

o que somos.

— Não iguais...

mas originadas da mesma essência.

— E essência...

não se divide.

— Apenas se manifesta.

— Em formas diferentes?

— Em caminhos diferentes.

— Então não somos uma só?

— Não.

Somos duas...

e ainda assim, do mesmo princípio.

— Dois espíritos,
uma origem.

— Duas vidas,
uma fonte.

— E se um dia...
uma de nós partir?

Pausa.

— Nós continuamos...
em direções próprias,
e em estados diferentes.

— Como assim?

— A que permanece na Terra
em corpo material,
visível e tangível.

— E a outra?

— Retorna à Espiritualidade
em corpo sutil,
invisível e intangível.

— Então ainda estaremos ligadas?

— Sempre.

— Mesmo em planos diferentes?

— Principalmente assim.

Silêncio.

— E podemos nos encontrar?

— Muitas vezes.

— Aqui...
ou lá.

— Uma sempre vibrando pela outra.

Pausa leve.

— Como estrelas?

— Sim...
porque somos luz.

— Que não ocupam o mesmo lugar...
mas pertencem ao mesmo céu.

Silêncio.

— Então somos isso?

— Somos.

— Duas existências...
da mesma essência.

— Na Terra...

— ...como no céu.



APRESENTAMOS O POEMA

GALÁCTICA

POR SUZANA MARA SACCHI PADOVANO

Nasceu em São Paulo e estudou no Colégio Dante Alighieri. Obteve o diploma de Bacharel em Desenho Industrial e Comunicação Visual pela Faculdade de Comunicações e Artes da Universidade Mackenzie.

Possui o diploma de Mestre em Desenho Industrial pela Rhode Island School of Design - RISD, em Providence, Rhode Island, EUA. Foi Coordenadora de Design da FAAP.

Abriu seu próprio escritório de Design, ganhou vários prêmios, escreveu livros, artigos e poesias. Trabalha com artes gráficas e pintura.

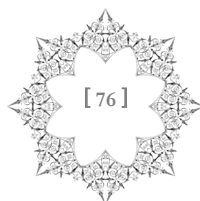


Vim de outras esferas
de energias etéreas
de um ciclo de hierarquias de luz
para o planeta Terra

Nos meus sonhos
vejo estranhas figuras distantes
além da terra, além do céu
que atravessam o meu corpo carnal
o meu espaço corporal.

Vivo aqui e vivo lá em outras galáxias
Ser dicotômico, de anatomia diversa
Ah! meu corpo anacrônico, minha alma diletta...
uma febre me persegue
me devora inteira
de voltar radiante
à Luz
que me seduz

Em oração pergunto
se vivi o meu destino
se cumpri a minha missão terrena
como extraterrestre perdido



APRESENTAMOS O POEMA

MERGULHO

POR SUZANA MARA SACCHI PADOVANO

Nasceu em São Paulo e estudou no Colégio Dante Alighieri. Obteve o diploma de Bacharel em Desenho Industrial e Comunicação Visual pela Faculdade de Comunicações e Artes da Universidade Mackenzie.

Possui o diploma de Mestre em Desenho Industrial pela Rhode Island School of Design - RISD, em Providence, Rhode Island, EUA. Foi Coordenadora de Design da FAAP.

Abriu seu próprio escritório de Design, ganhou vários prêmios, escreveu livros, artigos e poesias. Trabalha com artes gráficas e pintura.



Céu noturno
mergulho no escuro
imenso
abissal
de azul profundo

Brilhante estelar
borbulhante mar causal
bordado de rendas
de eternas prendas
do além mortal

Quando te olho
me entrego em teus braços
me amoldo em teu modo
me perco no enredo
do teu vácuo

Ultrapasso os limites da forma

Disforme
navego na medida
sem medida
(férias extra carnavais)
da tua generosidade

Preciosidade eterna
da tua grandeza de irmão

Me acolhes
recolhes

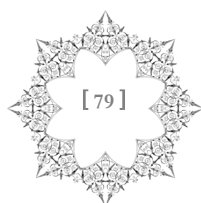
Carregas
para meu descanso infinito
sem conflitos

Voos oníricos
mais e mais irrestritos

Desprendida do peso da terra
do peso do corpo
do peso da vida finita
me entrego à liberdade

Cativa
pertença ao teu poder transcendente

Toda noite me apronto
para nosso amoroso encontro
qual vestal prometida
que em seu sono profundo
revela pacífica ao mundo
o segredo da vida.



APRESENTAMOS O POEMA

SAUDADES CÓSMICAS POR SUZANA MARA SACCHI PADOVANO

Nasceu em São Paulo e estudou no Colégio Dante Alighieri. Obteve o diploma de Bacharel em Desenho Industrial e Comunicação Visual pela Faculdade de Comunicações e Artes da Universidade Mackenzie.

Possui o diploma de Mestre em Desenho Industrial pela Rhode Island School of Design - RISD, em Providence, Rhode Island, EUA. Foi Coordenadora de Design da FAAP.

Abriu seu próprio escritório de Design, ganhou vários prêmios, escreveu livros, artigos e poesias. Trabalha com artes gráficas e pintura.



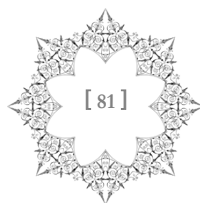
Existe em mim um tormento
Pressentimento...
meio vago e longínquo
que lhe conheço há algum tempo
mas não daqui.

Tudo começou suavemente
no momento em que lhe vi.
Sua energia e seu jeito
de falar
de ser perfeito.
Você chegou mansamente e eu sorri.

De repente pelo modo diferente
de nossos olhares cruzados
magnetizados
because of our instant connection
I surrendered to you.

Lembrei de lembranças lavradas
lembrei de nossas vidas passadas
e percebi que o sentimento/tormento
era saudades cósmicas
de você.

A que diabólico plano devemos responder
para satisfazer ao Divino?



APRESENTAMOS O CONTO

QUANDO A TERRA QUASE PAROU POR TARSO ARAÚJO

Tarso Araujo é jornalista e produtor de conteúdo com atuação voltada à análise crítica da sociedade brasileira. Sua escrita se destaca pelo tom crítico e reflexivo, abordando temas como poder, comunicação, cultura, política, meio ambiente, educação e os impactos das narrativas na sociedade contemporânea. Com estilo autoral, transita entre o jornalismo e a literatura, produzindo também contos de ficção científica e fantasia e textos poéticos que exploram as contradições humanas, a solidão e os dilemas do mundo atual.



Eles chegaram sem ruído. Poucos deram importância, apesar do evento extraordinário. O mundo, naquele momento, estava tão absorvido em seus conflitos que acreditava que era coisa de *fake news*.

Primeiro, foram detectados como anomalias no fundo do oceano. Depois, como sombras no céu — naves que não refletiam luz, apenas a absorviam. Quando a verdade veio à tona, já era tarde: não queriam guerra, queriam tudo.

Chamavam-se coletores. Pelo menos esse foi o nome que demos a eles. Ninguém nunca conseguiu descobrir quem eles eram. Mas eram ferozes. Pareciam famintos. Quando começaram a surgir nos espelhos de água dos oceanos e a andar pela terra em bandos, como um exército, a humanidade resolveu parar e reagir. A guerra foi desencadeada.

Não falavam, não negociavam, não ameaçavam. Apenas sugavam. Oceanos começaram a recuar como se fossem drenados por um ralo invisível. Florestas envelheciam em dias, folhas secavam ainda presas aos galhos. O ar tornava-se rarefeito em algumas regiões, como se a própria atmosfera estivesse sendo consumida.

A humanidade reagiu como sempre: reuniões, discursos, tentativas de ataque. Os políticos fizeram o de sempre, ou seja, absolutamente nada além de atrapalhar. As corporações tentaram ganhar dinheiro com a tragédia. Tudo deu errado. Nada funcionava. As armas atravessavam as naves como se fossem feitas de outra matéria — ou de outra lógica.

Foi quando uma cientista desacreditada percebeu o padrão.

— Eles não estão atacando a gente — disse, olhando os dados. — Estão ignorando.

Os coletores não viam humanos apenas como inimigos, nem como obstáculos. Éramos irrelevantes. Insetos. O alvo era o planeta. Se os humanos reagissem, morreriam. Eles sugariam o planeta e fim de conversa. Éramos insetos a serem esmagados.

A cientista, então, propôs uma ideia absurda: tornar a Terra “inútil”.

Satélites começaram a emitir sinais falsos de colapso ambiental. Reatores liberaram substâncias na atmosfera para simular toxicidade extrema. Reservas de água foram ocultadas por camadas de interferência térmica. Era um teatro planetário — a Terra fingindo estar morta.

Ao mesmo tempo, as pessoas se armaram e reagiram. Começaram a matar os coletores, que também reagiram, e o mundo virou um caos. Enquanto uns trabalhavam para tornar a Terra aparentemente inútil, outros morriam e matavam, e assim durou anos.

Países deixaram de existir. Sistemas caíram. As comunicações caíram. Voltamos ao tempo do rádio. As elites tentaram negociar; eles simplesmente recusaram e abriram fogo contra homens, mulheres, crianças e idosos. Não havia piedade, nem direitos humanos, nem nada. Apenas morte. A humanidade, ou o que sobrou dela, também lutava. Os alienígenas começaram a sequestrar humanos, e milhões desapareceram.

Por anos, nada mudou. Até que, numa madrugada silenciosa, as sombras começaram a desaparecer. Uma a uma, as naves recuaram. O céu voltou a refletir luz. O oceano, lentamente, respirou de volta às margens.

A humanidade celebrou como vitória.

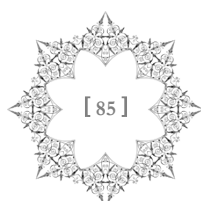
Mas a cientista não. Ao revisar os últimos dados, encontrou algo novo: um sinal sendo enviado para além do sistema solar. Um aviso: “Recurso esgotado. Buscar alternativas.”

Ela olhou para o céu, agora limpo demais, e sussurrou:

— Eles não foram derrotados... só foram procurar outro lugar.

E, pela primeira vez, alguém se perguntou se o verdadeiro problema não era quem vinha de fora, mas o que sempre fizemos aqui dentro. Não nos demos conta de que o mais importante seria nos preparar para o extraordinário e não nos destruirmos como sempre fizemos.

Então, fizemos o que sempre fomos bons em fazer. Vários governos se uniram e construíram uma poderosa frota estelar. E seguimos rumo ao universo vasto e, para nós, infinito, em busca de vingança contra os coletores.



CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO
CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO
AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO:

CLIQUE AQUI



FIQUE POR DENTRO DO
MUNDO DOS LIVROS!



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA



SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA



INSCREVA-SE:
[WWW.YOUTUBE.COM/
CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)



E-MAIL:
ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG



**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.
LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO:**

CLIQUE AQUI